

TEL: (31) 2101-3957
Editores: Fabiano Fonseca e Ana Clara Brant
fabiano.fonseca@otempo.com.br
ana.brant@otempo.com.br
Atendimento ao assinante: 2101-3838
(31) 98352-2462

Magazine

Memória

O sertão em movimento

Setenta anos depois, ‘Grande Sertão: Veredas’ segue mobilizando artistas; da música às artes plásticas, passando pela literatura, obra-prima de João Guimarães Rosa ecoa, muitas vezes, por caminhos pouco óbvios

■ ALEX BESSAS

Aos 17 anos, Makely Ka lia “Grande Sertão: Veredas” dentro do ônibus, subindo a avenida Amazonas rumo ao Cefet. Não foi longe. Em Belo Horizonte, a capital planejada, o livro engasgou, exigindo um outro fôlego. Preciso de silêncio para seguir adiante, e foi buscá-lo em Milho Verde, no Alto Jequitinhonha, quando, com uma mochila com água, o cerrado à frente, fazia longas caminhadas até encontrar sombra. Sentava, lia, caminhava de novo. Foi assim por algum tempo até que terminou o livro em um fim de tarde, sozinho debaixo de uma árvore, vendo a noite cair. “Foi uma epifania”, lembra. “Acho que ali, naquela paisagem de sempre-vivas, eu intuí que continuaria lendo esse livro pelo resto da vida”, emenda. E assim o fez. Leu, depois, por um olhar mais técnico, então retomou para traçar a trajetória de Riobaldo, marcando os topônimos, e voltou mais uma vez para esmiuçar a ordem cronológica dos acontecimentos, dando saltos temporais da narrativa.

Publicado em 1956, o livro que tanto mobiliza Makely completa 70 anos em 2026, e a data tem gerado uma safra de homenagens e releituras. Em Cordisburgo, cidade natal de João Guimarães Rosa, a 38ª Semana Rosiana reuniu, em julho, pesquisadores, escritores e leitores sob o tema “O sertão é do tamanho do mundo”, em referência a uma frase atribuída ao próprio escritor. No cinema, o livro ganhou nos últimos anos três adaptações de diretores reco-

nhecidos – Bia Lessa, com “O Diabo na Rua no Meio do Redemunho”; Guel Arraes, que transpôs a trama para uma periferia urbana contemporânea em “Grande Sertão”; e Adirley Queirós, que assina “Grande Sertão: Quebradas”, ambientado em Ceilândia. São trabalhos que citam o romance de frente, cada um a seu modo revisando a narrativa de Riobaldo e Diadorim.

Há, porém, outro tipo de presença do livro na produção artística atual – mais diluída, sem citação direta ou releitura explícita. Um tipo de herança que passa pelo método antes de passar pela citação – caso das experiências do próprio Makely e das artistas plásticas Isaura Pena, Júnia Penna e Louise Ganz, cujos trabalhos não adaptam “Grande Sertão: Veredas” nem o transformam em roteiro visual: ao contrário, decidiram estabelecer diálogo com a obra por outro meio – como pela textura ou pelo tratamento que emprestam às paisagens. Além disso, guardam mais algo em comum: absorveram algo do livro por um caminho parecido: saíram andando.

SENTIR A TERRA. Makely fez, em 2012, uma expedição de bicicleta refazendo o trajeto de Riobaldo pelo sertão mineiro, experiência que resultou no álbum “Cavalo Motor” – primeiro de uma trilogia que o músico completou com “Rio Aberto” e “Triste Entrópico”.

Apesar da influência declarada, porém, nunca usou textos de Guimarães Rosa nas letras – “talvez uma ou duas frases”, como “eu sei que viver é perigoso”, contabiliza.

As andanças de Guimarães Rosa inspiram Makely Ka

Mais que as citações diretas, porém, ele reconhece que aquela viagem mudou a sua vida e deu outra dimensão a seu trabalho artístico. “Depois dessa imersão eu voltei ao sertão mineiro sistematicamente todos os anos”, conta.

O hábito de fazer o percurso, aliás, é mantido 14 anos após a primeira expedição. “Quando passo muitos meses, sinto falta”, confessa. Essa proximidade com essa paisagem roseana, vale registrar, segue rendendo frutos. Nesta terça-feira (25/8), Makely ministra uma palestra na Academia Mineira de Letras com o tema “A Música no Grande Sertão”. Como ele antecipa à reportagem, aliás, essa liturgia envolvendo a prática musical representa um símbolo de artesanania e atenção que ganha ainda mais relevo à luz da pressa, da automação e de outras implicações da contemporaneidade. “Naquele sertão longínquo onde se passa a trama, você só ouvia música se ela fosse executada na sua frente”, contextualiza, ao comparar esse ritual de escuta a uma dis-

puta hoje travada pela música gerada por inteligência artificial e pelo excesso de ruídos.

TRAVESSIAS OUTRAS. Um movimento parecido, acompanhado da mesma sensação de haver no livro o registro de uma experiência de outra relação com o tempo, levou as artistas visuais Isaura Pena, Júnia Penna e Louise Ganz à mostra “O Vento é Verde”, que ocupou o Museu Mineiro entre março e maio. O título vem de uma carta de Manuel Bandeira a Guimarães Rosa, de 1957, comentando o impacto da leitura de “Grande Sertão: Veredas”. “O sertão é uma espera enorme (...) o vento é verde”, escreveu o poeta.

Antes de batizar a exposição com a referência indireta à obra, as três foram juntas à Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo, e caminharam pela região. “Já estávamos, de certa forma, chamando por Rosa”, reconhece, agora, Isaura Pena, que na mostra apresentou desenhos baseados nas plantas baixas originais

do Parque Municipal de Belo Horizonte, elaboradas por Aarão Reis e Paul Villon no fim do século XIX para a construção da capital.

Cada uma delas, diga-se, trabalha de um jeito distinto. Júnia Penna, por exemplo, desenhou com gravetos queimados recolhidos no Parque Ursulina de Andrade Melo, um terço incendiado em 2024. Já Louise Ganz pinta a partir de caminhadas frequentes pelo Parque Estadual da Serra do Rola-Moça e por áreas mineradas do Quadrilátero Ferrífero. O ponto em comum, segundo a última, é que nenhuma delas descreve a paisagem, mas “transcreve” – conforme o texto de apresentação da curadora Taísa Palhares, que aproxima esse gesto do próprio método de Rosa. “Não trabalhamos com a descrição de uma paisagem”, reforça Louise, que também leu “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, e associa a leitura dos dois livros a viagens e caminhadas que fez depois, nos sertões mineiro e baiano – um parentesco entre Rosa e Euclides que, curiosamente, também aparece na obra de Makely, sobretudo no álbum “Triste Entrópico”.

Passada a mostra, as três artistas descartam a ideia de que a aproximação com Rosa – que constrói o sertão como uma paisagem que participa da história e influencia os destinos dos personagens – tenha sido um ponto de partida isolado. “Acho que já estava, de algum jeito, dentro dos nossos trabalhos”, estabelece Isaura. Júnia concorda: a relação com o território em transformação e com as transformações que a travessia proporcionam já atravessava sua produção antes mesmo de a carta de Bandeira surgir como mote para a exposição.

ROSA ANTUNHA/DIVULGAÇÃO



Exposição “O Vento É Verde”, de Isaura Pena, Júnia Penna e Louise Ganz, se ancora na obra roseana

RAFAEL MOTTA/DIVULGAÇÃO